

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Autora: Rayza Almeida da Hora Silva.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. rayzaa35@gmail.com.

Introdução: Às teorias pós-coloniais surgem para apresentar outras narrativas sobre o processo de colonização que não as europeias. No processo de partilha da África, por exemplo, as explicações sobre a partilha para os colonizadores se deu nos âmbitos econômicos, já que países europeus visando o próprio ganho começaram o processo da partilha. Psicológico, com a criação das teorias darwinistas, colocando a hierarquização das raças e o cristianismo evangélico que via o processo da partilha como sendo missionário. Quando surge o movimento de libertação da África e o próprio Movimento da Negritude, há um levante de autores que dão outras narrativas a esses fatos, desassociando o processo de colonização da África a inferioridade dos povos que habitam o continente.

Dentre os danos causados pelo sistema colonial estão: a perda da identidade, a desumanização, a dominação, o preconceito racial, banalização da vida e a diáspora. Sérgio Costa (2006), por exemplo, acredita que o pontapé inicial para os estudos sobre o pós-colonial tenha se dado na diáspora, por autores que tenham passado pela experiência migratória.

Os estudiosos do Pós-colonial apontam a importância da construção de novos métodos de conhecimento que saiam da lógica dos países que outrora foram colonizadores, mas sem cair nos binarismos simplistas, metrópole/colônia, colonizador/colonizado. Para Stuart Hall (2009) no pós-colonial há certa despolitização que traz aos autores certo saudosismo em relação à polaridade bem definida que separa os bons dos maus. As posições políticas não são fixas já que cada indivíduo possui espaços conceituais distintos.

Uma das principais referências de leitura para entender o sistema pós-colonial seria o livro “O orientalismo” do autor Edward Said, que vai caracterizar através do princípio de oposição binária ocidente x oriente uma nova leitura sobre a percepção da modernidade em que o ocidente vai caracterizar e construir a imagem tida do oriente. O orientalismo na perspectiva de Said seria mais do que uma fronteira geográfica, sendo também uma fronteira cultural que nortearia a distinção entre nós e eles.

O orientalismo de Edward Said surge como uma crítica interna ao marxismo no oriente em especial na Índia e vai se transformar em uma revolução epistemológica ao perceber que o marxismo não é capaz de explicar a historiografia indiana. É nessa perspectiva que fica evidente a pluralidade dentro dos estudos do pós-colonial, pois, no processo de descobrimento das Américas e a expansão neocolonial em África, a metodologia de análise acadêmica utilizada para o estudo desses processos é o marxismo, fazendo críticas literárias, históricas e econômicas, por exemplo.

Nessa perspectiva a diáspora negra levantou vários métodos de racismo, e é através desta que o genocídio brasileiro, e o de tantos outros países foram embasados. O negro passa, então, por um processo de estranhamento, por estar em uma terra que não é sua, com uma língua desconhecida, e a transformação de seu corpo em mercadoria. “O negro é na modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito em mercadoria – a cripta viva do capital (Mbembe, 2014, p.19)”.

Diante destes fatos o presente artigo pretende relatar minha experiência no projeto de extensão desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa sobre Relações Étnico-Raciais Frantz Fanon, vinculado ao departamento da Universidade Federal de Pernambuco intitulado: Genocídio da juventude negra em Recife e a constituição da identidade racial” desenvolvido com alunos do 7º ano da Escola Pintor Lauro Villares.

METODOLOGIA

O trabalho aconteceu após a observação dos alunos no ambiente escolar e através de entrevistas semiestruturadas com um grupo de 06 alunos. Nas entrevistas procuramos entender como os jovens se projetam em meio a falácia do mito da democracia racial e como eles percebem o processo de genocídio da juventude negra. O projeto que está em andamento, teve sua fase de intervenção na escola durante 10 meses, e neste período além das entrevistas, realizamos ações em sala de aula que elucidaram aos alunos questões ligadas a raça.

Além das entrevistas realizamos ações em sala de aula apresentando a conceitos pós-coloniais e pós-diaspóricos, e conseguimos relacionar com charges, curtas, e discussão mediada a temática proposta no projeto de extensão. As entrevistas foram aplicadas com o grupo focal antes das ações acontecerem e após o término das nossas ações, durante todo o processo nós podemos acompanhar a evolução da turma em relação as relações raciais.

Nós entendemos que a principal batalha a ser vencida são as marcas históricas do processo de embranquecimento que ainda se perpetuam em nossa sociedade, com isso trazer um projeto que fale sobre raça no Brasil ainda na educação básica fez com que essas crianças começassem a se reconhecer racialmente e a ter acesso a informação que antes eram desconhecidas.

RESULTADOS e DISCUSSÃO

1º Momento - Prática docente: Nos apresentamos a turma e iniciamos a aula fazendo as apresentações dos conteúdos que nós trabalharíamos durante o ano letivo. No momento de apresentação da classe, pedimos para que além de nome, os alunos também nos dissessem como se reconheciam racialmente dentro das categorias dadas pelo IBGE – Branco, Pardo, Preto, amarelo e Indígena – ainda assim, os alunos deram um jeito de sair dessas categorias, se apresentando enquanto “moreninho” ou “cor de jambo”. Por fim, separamos os 6 alunos que faríamos as entrevistas e nos despedimos.

2º Momento – Entrevistas e prática docente: Separamos os alunos que iriam fazer as entrevistas e dividimos o nosso grupo, ao passo que o primeiro grupo ficou responsável por fazer as entrevistas e o segundo aplicar uma ação em sala de aula. Durante as entrevistas os alunos já demonstravam um certo conhecimento histórico sobre raça e racismo, mas não sabiam fazer um link com o seu cotidiano. Enquanto isso, o grupo que ficou responsável pelas ações assistir e analisar o curta: Vista minha pele, dirigido por Joel Zito. Através da discussão mediada pedimos para os alunos comentarem o que eles entenderam do curta e como este pode ser relacionado com a realidade de jovens negros.

3º momento – Prática docente: Neste terceiro contato com a turma nós fizemos uma aula mais teórica, trazendo o conceito de mito da democracia racial e destacando como no

Brasil a raça foi forjada e quais os efeitos deste conceito para a população negra. A turma se mostrou bastante interessada no conteúdo, fazendo perguntas e trazendo relato de experiências pessoais. Nesta aula apresentamos o conceito de genocídio, apontando como este está presente na história do Brasil, em vertentes diversas, como na mídia e no projeto de encarceramento do Estado.

4º momento – Prática docente: Neste momento analisamos o papel da mídia e como se dá a representação do negro nesses espaços. Para isso, trouxemos outra curta-metragem cores e botas, com a finalidade de impulsionar o desenvolvimento de estratégias capazes de fazê-los identificar as violências que ocorrem e são naturalizadas no dia-a-dia. Neste momento os alunos começaram a nos trazer referências que eles assistem sobre novelas, e série, e como o negro está sempre relacionado ao papel de subalternidade.

5º momento – Prática docente: Percebemos que os alunos ficaram bastante desanimados com a aula, por entender que é difícil a quebra desse quadro estrutural, então, ao sair da sala, pensamos em trazer uma atividade que mostrasse negros que foram a contra mão dessa história. Para isso, pegamos um ensaio protagonizado por pessoas negras, em que neste elas se vestiam de seres animados, como príncipes e princesas, recortamos para que os alunos fizessem um Fanzine. Também levamos nomes de ativistas políticos, atores e atrizes, cantores e escritores negros, para que os alunos tenham exemplo sobre outras narrativas.

6º momento – Entrevistas: Por fim, realizamos novamente as entrevistas com os alunos e percebemos uma mudança na fala e na postura desses estudantes, que já começavam a relacionar as violências cotidianas com violências mais amplas e abstratas, como por exemplo, a midiática. Ao término das entrevistas voltamos em sala para agradecer a participação de cada aluno.

CONCLUSÃO:

A nossa pesquisa articulou as temáticas raça, juventude e genocídio, e buscamos desvendar como se dão as relações sociais desses jovens e como eles constroem sua identidade racial. Elucidamos que o genocídio vai muito além da morte física de um determinado grupo, também se instala através da morte cultural, no caso da população negra, através do mito da democracia racial. Essa tentativa de higienização da sociedade fez com que o próprio movimento negro perdesse força, já que por vezes a população não sabe como se

definir racialmente, fazendo assim com que o maior empecilho na luta racial seja a falta de circulação da informação.

A importância do uso político do termo genocídio se dá por conta de seu caráter denunciativo e mais especificamente no caso do genocídio contra o povo negro nos mostrados que nos mostram a violência vivida por essa população cotidianamente e para, além disso, aprisiona esses corpos a uma realidade marginal. É nesse sentido que voltamos a falar do conceito original termo genocídio, pois, os danos causados pelo mito, que ainda hoje existem na sociedade brasileira, deixaram marcas que são difíceis de serem apagadas.

Bibliografia

Schwarz, Lila Moritz (2001). Racismo no Brasil. Publifolha.

Nascimento, Abdias do (1978). O Genocídio do negro brasileiro. São Paulo: Editora Perspectiva S.A

ARAÚJO, Joel Zito. 2008. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. Estudos Feministas, Florianópolis, v.16, n.3, set./dez.

COSTA, S. (2006). “Desprovincializando a sociologia – a contribuição pós-colonial”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*.

HALL, S. (2009). “Que ‘negro’ é esse na cultura negra?” In: Sovik (org.). *Da diáspora*.

SAID, Edward W. 2010 [2007]. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. 2a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras.

UZOIGW E, Godfrey N . Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral. In: BO AHEN , Albert Adu. História geral da África, VII : África sob dominação colonial, 1880- 1935. Brasília: Unesco, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/0 01902/190255POR. f>>.